

TESE GLOBAL, AS TAREFAS DA CLASSE TRABALHADORA.

CONJUNTURA INTERNACIONAL, A CRISE NA ORDEM IMPERIALISTA

1. Nenhum dos fenômenos políticos do mundo atual pode ser compreendido fora da crise da ordem mundial imperialista. Nem a origem e as consequências sociais e políticas da pandemia, tampouco a guerra de agressão nacional desatada pelo Kremlin contra a soberania da Ucrânia.
2. Dias após as forças armadas russas cruzarem a fronteira ucraniana, o novo informe do IPCC (Painel Internacional de Mudanças Climáticas) sobre as consequências do aquecimento do planeta afirma que “ondas de calor, secas e inundações já ultrapassaram os limites de tolerância... criando impactos cada vez mais difíceis de controlar”, confirmando a distância entre as medidas dos Estados burgueses e o ritmo do aquecimento. Reafirma que estamos mais próximos do que longe do ponto de não retorno de uma mudança na temperatura do planeta e as profundas consequências sociais que acarretará.
3. Segundo os números oficiais da OMS, a pandemia da Covid19 causou um genocídio de 6 milhões de vidas. Mas a revista científica Lancet, estima em mais de 18 milhões o número de mortos, sem contar as consequências físicas e psicológicas dos infectados. Aos milhões de mortos da pandemia e das catástrofes ambientais, se agrega os que padecem resistindo ou sob a fome, a pobreza, precarização do trabalho e todo tipo de opressão; ou sob as bombas, a fome e destruição da guerra de agressão nacional à Ucrânia.
4. O informe sobre a Desigualdade Mundial (World Inequality Lab) afirma que metade da população mais pobre do planeta recebe menos do que os mais pobres recebiam em 1820, quando a maioria dos países ainda eram colônias dos impérios capitalistas, revelando que o retrocesso nas condições de vida do proletariado é paralelo ao aumento da subordinação imperialista dos povos do planeta. A pandemia e a guerra são ambos fatores de incremento deste retrocesso em todos os aspectos da vida, nos salários do proletariado, mas também nas próprias conquistas democráticas dos oprimidos. A força de trabalho feminina retrocede em mais de uma década sua participação no mercado de trabalho. O racismo, lgbtfofia, machismo e a xenofobia tomam formas bárbaras: aumento do feminicídio na pandemia, assassinato da população negra, de imigrantes, de povos originários, somados ao encarceramento de pobres, lutadores e oprimidos; isso tudo incrementado pela propaganda e ações da ultradireita a serviço do sistema capitalista mundial, o imperialismo.
5. Não estamos vivendo várias crises de naturezas distintas, uma vez que todas têm a mesma origem. A luta entre as classes e frações de classes no interior dos países; a crise da hierarquia entre os Estados – a ordem mundial – cuja expressão são as guerras, revoluções e contrarrevoluções; o aprofundamento das consequências da fase descendente da Curva do Desenvolvimento Capitalista (CDC). Tudo isso é tão somente o que foi antecipado por Marx e definido por Lenin como a crise da fase imperialista do capitalismo, o choque entre as forças produtivas e as relações de produção, a mundialização da produção e as fronteiras dos Estados, explodem de forma violenta e é o que explica o mundo atual.
6. E a intervenção do imperialismo com todas as suas forças é a fonte de instabilidade e crises nos países. Mas sobretudo, revela o início da plena liberação das forças destrutivas, polo oposto e complementar da socialização da produção mundial, da revolução algorítmica na produção e circulação capitalistas, incrementando a exploração do proletariado e a submissão dos povos do planeta.
7. A liberação das forças destrutivas gera a sucessão de desastres, e a ordem social gera e se alimenta das catástrofes dos milhões de refugiados, das guerras de dominação, já superior aos da IIª Guerra Mundial; da venda de vacinas para os patógenos gerados pela destruição ambiental; do investimento em novos ramos industriais apoiados na falácia da “capitalismo verde”; das empresas de internet massificadas pelo genocídio da pandemia; do machismo, racismo, xenofobia e LGTBfofia. Os tempos

da disjuntiva histórica, socialismo ou barbárie, se convertem em tarefa presente: Revolução Socialista ou barbárie.

8. Estamos agora no meio de uma mudança tectônica, que afeta a ordem mundial em cada um de seus elementos.

9. Por trás da aparente unidade da OTAN e do comando dos EUA, o conflito entre os EUA e a Alemanha (e seu aliado estratégico, a França colonialista e nuclear; arrastando atrás dela a UE, é puxada por sua vez pelos diferentes lados) está se aprofundando. O rearmamento da Alemanha deve ser avaliado em todo o seu significado. O imperialismo alemão decidiu tornar-se uma superpotência militar, como expressa o *Jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung*, arauto do capital financeiro alemão. Isto está obviamente associado à defesa de uma posição independente de Washington, aprofundando a divisão entre os imperialismos.

10. A invasão russa desencadeia uma corrida armamentista geral. Estamos falando não somente da Alemanha, mas também de toda a UE, de todas as potências imperialistas e da China. O Japão também está falando sobre a aquisição de armas nucleares. A corrida armamentista vai ao par de conflitos armados locais ou regionais em uma escala muito maior do que já conhecemos.

11. A guerra da Ucrânia está provocando uma aceleração da crise econômica e social em escala global, impulsionada pelo aumento brutal do preço da energia e dos minerais, juntamente com a crise na cadeia de abastecimento. E uma marcada tendência à estagflação se abre, em um quadro de capital fictício de enormes proporções, com empresas zumbis, países semicoloniais até às sobranceiras em dívidas. E não apenas eles, mas também os países da periferia imperialista.

12. Este período que se abre é inseparável do quadro geral da crise da ordem mundial e da localização dos países na Divisão Mundial do Trabalho (DMT): uma das fontes de situações pré e revolucionárias nos países. Já a luta subjacente entre os Estados Unidos e a China está destinada a acelerar em todos os níveis, sendo por sua vez um fator de aceleração da crise econômica.

13. Isto envolve a ofensiva para impor um novo padrão de exploração, que vem no calcanhar do brutal recuo que os capitalistas já conseguiram impor após a recessão que seguiu a pandemia. Não é apenas o proletariado e o sub ou semi-proletariado que serão duramente atingidos. Também a burguesia média e, em particular, a pequena burguesia e a classe média, disputadas ferrenhamente pela ultradireita.

14. Os Bancos Centrais encerram o período de juros negativos que permitiu as empresas recomprarem suas próprias ações alargando a distância entre o seu valor real e o preço em bolsa, além de outros instrumentos especulativos, gerando um capital fictício de trilhões de dólares superior a explosão da chamada “crise financeira” em 2007.

15. Aumentando em escala planetária o endividamento das empresas, retardando o processo de eliminação dos capitais menos produtivos. E uma nova escalada no endividamento dos países dominados, acarretando a desvalorização de suas moedas; uma espiral inflacionária e planos de ataques aos trabalhadores para garantir o pagamento dos juros, incrementando sua subordinação ao capital financeiro imperialista e os recorrentes planos de ajustes financeiros.

A crise EUA x China desestabiliza a ordem econômica

16. O equilíbrio do organismo mundial está assentado em sua profunda desigualdade. O excesso de investimentos produtivos no leste asiático é compensado pela acumulação improdutiva do capital financeiro norte-americano no outro polo.

17. O capital financeiro europeu também leva o seu botim pressionado entre os dois polos mais dinâmicos e parte da África e América do Sul fornecem os insumos minerais e agrícolas a esta máquina infernal, amargando uma desindustrialização, relativa em alguns países e absoluta em outros.

18. Para que está desequilibrada Divisão Mundial do Trabalho (DMT) funcione, os Estados devem agir como carcereiro dos países que devem ser prisioneiros dóceis. A “cadeia de valores global” aprisiona os países na produção de componentes, incrementados pela “revolução algorítmica”, o mais alto grau alcançado pela produção social dos oligopólios para explorar o proletariado mundial.

19. Países como Brasil, África do Sul, Índia, México e Turquia, semicolônias industrializadas que jogam um importante papel na divisão mundial do trabalho, se convertem em elos frágeis pelo lugar que ocupam na hierarquia de países subordinados.

20. No entanto, a trajetória da China foi distinta. Em sua primeira fase, a restauração do capitalismo aumentou sua dependência econômica pela via do investimento externo. Ao mesmo tempo em que preservou sua independência política, e assim pode utilizar as contradições que permitiam o equilíbrio como uma alavanca econômica que conduziu a DMT a uma crise:

a) Ao centralizar, não um componente de uma mercadoria, mas parte importante da produção mundial de mercadorias. O sistema de crédito estatal chinês (com uma ínfima participação dos bancos imperialistas), ao mesmo tempo em que permitiu a infraestrutura necessária (sistemas de transporte, portos, autoestradas, comunicações) para as multinacionais, abriu caminho para o investimento chinês e formação de oligopólios locais, que se aproveitando da desigualdade entre campo e cidade, se desenvolveram no mercado interno chinês. O desmantelamento do sistema estatal de crédito Chinês é o principal alvo do imperialismo norte-americano;

b) Os EUA e a Europa mantiveram o apoio à ditadura do PCChinês, peça chave da restauração capitalista e a garantia do controle da classe operária submetida a uma superexploração. A mesma ditadura que foi responsável pelas medidas políticas/ econômicas de controle do sistema financeiro e conta capital que lhe permitiu a independência política. Mas, o que a ditadura administra não são bancos e reservas internacionais, tudo isso é somente a expressão da mais valia gerada por milhões de operários, o alicerce onde descansa todo o edifício. É a superexploração de cerca de 200 milhões de migrantes camponeses que vivem como “ilegais” no próprio país a chave do negócio.

21. Em síntese, o fortalecimento do partido-estado, em particular na era Xi Jinping, aprofunda a dupla face do “modelo” chinês: a superexploração do proletariado e o sistema bancário controlado pelo Estado. Ao concentrar esse poder a ditadura impulsionou os monopólios chineses de alta tecnologia, ameaçando os super lucros das empresas norte-americanas e europeias nos ramos mais dinâmicos – automação industrial, internet 5G, Inteligência Artificial (AI), veículos elétricos... essa é a raiz dos conflitos entre os Estados Unidos e a China.

22. A hipótese de que a classe dominante chinesa alcance degraus maiores na DMT em ramos industriais, os quais o imperialismo aposta como decisivos para uma possível fase econômica ascendente, nos aparece como a essência da crise do sistema de Estados ou ordem mundial.

23. A ofensiva norte-americana sobre a China é um dos fatores que aprofunda os desequilíbrios econômicos mundiais, e pode acelerar a crise na China. Mas, qual seja o motor dessa desaceleração, a desvalorização dos capitais na China, resultado do superinvestimento e ociosidade de alguns ramos industriais, e/ou pelo avanço da luta de classes ou pelos golpes do imperialismo, mas provável é uma combinação de ambo.

24. Este conflito incide em todos os continentes: na Europa e as relações de Alemanha com China/Rússia; nos países de Ásia Central que integram a rota terrestre da BRI; nos países latino-americanos e africanos fornecedores de recursos naturais.

Greves e levantes despontam em todo o mundo

25. Nesse marco, os trabalhadores e as massas protagonizaram numerosas lutas contra esta realidade de empobrecimento. Em 2019, uma onda de rebeliões se estendeu por diversas regiões do mundo. Na América Latina, teve seu epicentro no processo revolucionário do Chile. Foram processos explosivos, com mobilizações que enfrentaram duras repressões, e com a juventude precarizada e sem futuro na vanguarda destes enfrentamentos. Em geral, a classe trabalhadora não interveio nos processos a partir de suas estruturas e organizações nem com seus métodos, mas dissolvida dentro das massas em luta.

26. Em 2020, o impacto da pandemia provocou um impasse em relação à ação do movimento de massas mas, inclusive nesse marco, as rebeliões antirracistas explodiram e se espalharam nos EUA. No final daquele ano, houve uma importante greve geral na Índia que, pelo número de participantes, é considerada a maior da história mundial. Em 2021, os trabalhadores e as massas começaram a retomar a dinâmica de 2019: em março, ocorreu uma eclosão social no Paraguai contra o governo do Partido Colorado e, em junho, na Colômbia, iniciou-se uma onda de mobilizações contra o governo de Iván Duque, à qual o regime respondeu com uma feroz repressão. Salvo o caso da greve geral na

Índia, estes processos mantiveram as características que analisamos naqueles de 2019 e nas rebeliões antirracistas dos EUA.

27. Entretanto, em 2021 se manifestou o início de uma mudança importante: a presença da classe trabalhadora a partir de suas estruturas, com sua organização e seus métodos. Ao longo do ano uma onda de greves se desenvolveu nos EUA (minoritária mas importante) que, dos setores da educação e serviços, predominantes nas lutas anteriores, se estendeu com força aos trabalhadores industriais, que há muitos anos estavam ausentes de cena. Na África do Sul, os trabalhadores metalúrgicos (agrupados no poderoso sindicato NUMSA) realizaram uma forte greve por aumento de salários. Na Bélgica, no início de dezembro, milhares de manifestantes marcharam pelas ruas de Bruxelas, convocados por todas as centrais sindicais, contra a inflação e também contra os ataques aos dirigentes sindicais.

28. Em 2022, a resposta ao impacto negativo da inflação e a perda do valor do salário parece confirmar esta tendência de entrada na luta dos trabalhadores organizados a partir de suas estruturas. Se percorrermos a mídia e páginas do mundo, algumas delas especializadas no mundo sindical e do trabalho, vemos que, um tanto ocultas pelos meios de imprensa da burguesia, lutas operárias estão acontecendo em muitos países e regiões.

29. Outros setores sociais também estão em luta contra o impacto empobrecedor da inflação. No Equador, a organização de indígenas e camponeses CONAIE liderou uma luta contra o governo de Guillermo Lasso e o primeiro ponto de suas reivindicações é *“Redução e não mais aumento do preço dos combustíveis”*.

30. A França se incendeia: cresce a raiva contra Macron, a Classe trabalhadora Francesa protagoniza forte mobilização popular contrária à reforma previdenciária, o processo de luta é marcado por intensas manifestações e importantes greves unitárias em toda a França contra o ataque às aposentadorias e pensões.

31. Emmanuel Macron se mostrou desesperado com a mobilização popular contrária à reforma previdenciária e se utilizou da medida constitucional 49-3, uma manobra denunciada como antidemocrática pelos movimentos e centrais sindicais, e aprovou a proposta de Reforma da Previdência, intensamente rechaçada pela opinião pública, forçando o andamento da política de austeridade e acabou por adicionar combustível às manifestações e greves no país.

Para derrotar a exploração e a opressão capitalista, apoiar as lutas em todo o Mundo e enfrentar as Burocracias Sindicais

32. A grande maioria das burocracias sindicais trabalha para que estas lutas não ocorram e tentam convencer os trabalhadores para que aceitem as perdas salariais e de direitos trabalhistas para evitar redução dos postos de trabalho. E, quando não podem impedi-las, tentam evitar que essas lutas se estendam, se aprofundem e se unifiquem, nestas difíceis condições, cresce o número de greves. Se esta tendência se mantiver, significará um elemento de grande importância para a dinâmica da luta de classes no mundo, esta série de greves ocorre por objetivos econômicos, porém tem uma profunda significação política, porque aponta contra o coração de uma política central das burguesias: descarregar sobre as costas da classe trabalhadora o custo da recuperação econômica e consolidar um nível salarial muito mais baixo, e com isso, um nível mais alto de exploração.

Conjuntura Nacional

Unificar a Classe Trabalhadora, com Independência dos Governos e Patrões

33. A derrota eleitoral de Bolsonaro no 2º turno foi recebida com comemoração e, sobretudo, alívio pelos trabalhadores e trabalhadoras, a juventude e os setores mais oprimidos. Com muita razão.

34. Bolsonaro e seu governo aprofundaram e aceleraram o processo de destruição do país, aumento do desemprego, da fome, da violência e ataques aos direitos das trabalhadoras e trabalhadores são exemplos do estado de barbárie que esse governo deixou o país. Diante de mais de 700 mil mortes na pandemia, Bolsonaro debochou das vítimas e de milhares de famílias enlutadas. “Chega de frescura, de mimimi, Não ficar chorando até quando, Não sou Coveiro,” vociferou entre tantas outras barbaridades ditas e praticadas.

35. Ele foi o principal responsável por transformar o Brasil numa grande vala, pelos milhões de empregos perdidos e pela queda na renda do povo.

36. O genocídio de Bolsonaro está registrado nas falas, nas normas e nas ações que seu governo tomou desde o início da pandemia. O Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa) da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e a Conectas Direitos Humanos, apresentaram um estudo no qual mostram as ações tomadas pelo governo Bolsonaro em resposta à COVID-19 no Brasil. São portarias, medidas provisórias, resoluções, instruções normativas, leis, decisões e decretos e o levantamento das falas públicas de Bolsonaro que compuseram o roteiro do genocídio sanitário brasileiro.

37. Precisamos exigir a investigação e punição exemplar de Bolsonaro, sua família, e seus cúmplices, por todos os crimes cometidos, a corrupção, as atrocidades ditas e feitas durante a pandemia e a tentativa fracassada de Golpe do dia 08 de janeiro de 2023. **SEM PERDÃO E SEM ANISTIA AOS CRIMES PRATICADOS POR BOLSONARO E SEUS ALIADOS!**

O país acelera a decadência, vai descendo degraus na divisão mundial do trabalho e perdendo o bonde da 4ª revolução tecnológica

38. A decadência do país foi mascarada pelo boom das commodities. Com a crise mundial e o governo Bolsonaro-Guedes o processo de reversão colonial e desindustrialização relativa se acelerou. O Brasil caiu de 9º para 14º lugar no mundo em peso industrial, e vem baixando degraus na divisão internacional do trabalho.

39. A submissão do país ao imperialismo está conectada com a expansão agrícola e da indústria extrativista e, por sua vez, com a destruição ambiental (Amazônia; óleo nas praias do NE; Mariana/Brumadinho; queimadas, deslizamentos, enchentes), rebaixamento das condições de vida (salários e direitos), empobrecimento do país e diminuição do mercado interno, aumento das opressões, dolarização, carestia e fome.

40. A desindustrialização relativa, com quebra de parte das cadeias de valor, presentes antes no país, leva ao aumento do desemprego e ao empobrecimento da classe trabalhadora de conjunto. O Brasil está se localizando em setores de baixa tecnologia e fechando ou entregando setores com maior desenvolvimento tecnológico para multinacionais, com possível futura destruição de parte dessas forças produtivas. A burguesia brasileira é sócia menor do imperialismo nesta localização subalterna e processo de pilhagem do país.

41. As privatizações implicam sucateamento de empresas como Petrobrás e desinvestimento e sucateamento da infraestrutura, como ocorreu com a distribuição de energia no Amapá, que viveu um apagão total por dias a fio.

42. O país que já tinha ficado fora da indústria 3.0 nos anos 90, perdendo para a China e sudeste Asiático os investimentos na indústria de informática, agora está ficando de fora dos investimentos na indústria 4.0, no que se refere à produção de tecnologia e não apenas seu consumo em indústrias de baixo valor agregado.

43. O processo de rapina se evidencia no desmantelamento de parte da indústria e privatizações, remessa de lucros para fora, distribuição de dividendos bilionários para acionistas estrangeiros, internalização de preços dolarizados em gás, alimentos, luz etc.

44. Muito longe de crescimento em V, o Brasil vive uma estagnação econômica e crescimento anêmico. A crise é grande. O genocídio significou mais de 700 mil mortes e o desemprego e a informalidade, como mostra o anuário do Ilaese, atinge a maioria da força de trabalho do país.

45. A queda da renda e dos salários é muito grande. O desemprego e a informalidade pressionam os salários para baixo. As reformas trabalhistas e a precarização estão levando ao crescimento dos trabalhos análogos à escravidão. Em 2020, a maioria dos sindicatos não conseguiu repor a inflação.

46. A inflação e carestia dos alimentos, luz, gás, aluguel, implicam forte arrocho e rebaixamento das condições de vida. A fome está de volta, os despejos de ocupações de terrenos e terras, a paralisação de qualquer reforma agrária; a tentativa de aprovação do marco temporal, expulsão de indígenas, vem acompanhada de mortes, incêndio e desmatamento. A falência e fechamento de milhares de pequenas empresas, quebra parte da pequena burguesia e aumenta o desemprego.

É hora de debater o governo Lula-Alckmin. Propomos uma discussão sobre o caráter desse governo e os novos desafios para a classe trabalhadora

47. Existe uma compreensível expectativa da classe trabalhadora e da juventude diante do novo governo. Principalmente depois das atrocidades cometidas contra a classe e o povo pobre nos últimos anos.

48. Tivemos mais de 700 mil mortes na pandemia; desemprego em massa; reformas que retiraram direitos históricos, como a Trabalhista e a Previdenciária; além de uma brutal ofensiva contra os mais pobres nas periferias, aprofundando o sofrimento para mulheres, negros e negras, LGBTQI+ e povos originários. E ainda ataques contra as liberdades democráticas.

49. Queremos dialogar justamente com esse sentimento. Será que um governo que, desde o início, promove a pactuação de continuidade desse modelo capitalista, cada vez mais selvagem, vai solucionar nossos problemas? Pensamos que não. E vamos explicar os motivos.

Um governo a serviço do capital

50.. O novo governo é resultado de uma aliança com setores do imperialismo, como Biden (EUA), Macron (França) e a maioria dos governos da União Europeia; assim como com as multinacionais e com a autocracia chinesa, o mercado financeiro e setores do agronegócio. Todos esses se beneficiam com a miséria da classe trabalhadora.

51. Ou seja, não rompe com o processo estrutural de submissão do país, responsável pela degradação e crise cada vez maiores pela qual passamos. Propõe-se apenas a administrar esta decadência de maneira diferente de Bolsonaro-Guedes, mas sem romper com esse sistema capitalista, gerador desse caos social e econômico.

52. A justificativa para as alianças com a burguesia, a direita e o Centrão é a de que atuam para “acumular forças” e derrotar a extrema-direita. Mas, se propor a governar defendendo o capitalismo e com os inimigos dos trabalhadores não ajuda a acumular forças para os trabalhadores, mas sim para a direita.

53. Isso porque tira o protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras, submetendo-os ao apoio à burguesia. O resultado disso é a classe mais desarmada, desorganizada, vulnerável e entregue, inclusive, à extrema-direita. Já vimos isso acontecer no primeiro mandato de Lula.

Construir uma oposição da classe e de esquerda ao governo

54. Buscar construir toda unidade de nossa classe para lutar contra os ataques dos capitalistas e do novo governo Lula, contra as demissões e a retirada de direitos, buscando reverter todos os ataques de Bolsonaro, como a Reforma da Previdência, além da Reforma Trabalhista de Temer e as privatizações, tanto as já feitas como as que estão em curso.

55. Precisamos, ainda, exigir que organizações da nossa classe não se deixem cooptar pelo governo. Caso contrário, em vez de avançarmos, retrocederemos. Nesse sentido, é preciso combater as direções burocráticas que submetem organizações da nossa classe à burguesia. Junto com isso, preparar a autodefesa contra a ultradireita, de Bolsonaro e sua quadrilha militar/civil, que estarão, a todo momento, preparando ataques contra nossas liberdades democráticas.

56. Outra importante tarefa é a construção de uma alternativa política revolucionária e independente da burguesia para nossa classe. É preciso avançar na construção de uma alternativa revolucionária e socialista para os trabalhadores terem um projeto seu.

57. Para fazer isso, precisamos debater, com paciência, com a nossa classe; explicar o novo governo e porque não se pode depositar nenhuma confiança em Lula-Alckmin. Organizando e fortalecendo uma oposição de esquerda, que seja alternativa a um projeto capitalista de aliança com os ricos e, também, à ultradireita. Isso é o contrário do que fazem setores do PSOL, ao se atrelarem ao novo governo e chamar o apoio dos trabalhadores a esse projeto.

58. Só a mobilização independente da classe trabalhadora pode defender de forma consequente as liberdades democráticas, o fim de toda opressão e acabar, de vez, com a extrema-direita, bem como defender as nossas condições de vida, a soberania do país e abrir caminho para que os trabalhadores governem e possamos dar um fim no capitalismo.

59. É preciso construir uma oposição da classe e de esquerda ao governo, nas lutas e nas ruas, que possa enfrentar tanto a ultradireita, como os ataques do capital, impulsionados pelo novo governo, aliado aos bilionários.

60. Lula diz que vai colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto de renda, mas o PT não ataca a raiz da desigualdade. Lula governa com os capitalistas. É preciso tirar a riqueza produzida pelos trabalhadores das mãos dos 1% de capitalistas para garantir vida digna para todos. Não devemos confiar no governo Lula-Alckmin, que governa com a burguesia e sequer enfrenta os golpistas até o fim. Nem democracia dos ricos e muito menos ditadura vão garantir as mudanças que precisamos. Precisamos lutar por um governo socialista dos trabalhadores, que governe através de conselhos populares.

Para acabar com a fome, a pobreza e mudar o Brasil é preciso enfrentar os bilionários

61. Para acabar com o desemprego e a fome é necessário reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir os salários; aumentar os salários e duplicar o salário mínimo, rumo ao mínimo do Dieese; revogar as reformas Trabalhista e Previdenciária, garantindo emprego, com carteira assinada e direitos para todos. Além disso, é preciso garantir Saúde e Educação pública, gratuitas e de qualidade; investir em ciência, defender o meio ambiente, a reforma agrária, o fim do Marco Temporal, a demarcação das terras indígenas e a titulação das terras quilombolas.

62. E, para mudar de vez esse país, temos que enfrentar as 100 maiores empresas, que controlam a maior parte da economia e servem de mecanismo de exploração e enriquecimento de meia dúzia de bilionários. É preciso parar de pagar a dívida aos banqueiros e acabar com o teto de gastos e seu substituto Arcabouço Fiscal, a Lei de Responsabilidade Fiscal, substituindo-a por uma Lei de Responsabilidade Social. Como também, taxar os bilionários, suas fortunas, patrimônio e dividendos; instituindo um imposto fortemente progressivo, que isente quem ganha até 10 salários-mínimos.

63. Temos que lutar por educação, saúde, moradia e serviços públicos de qualidade, lutar contra a PEC 32, o Arcabouço Fiscal e qualquer outra reforma que ataque os Serviços e Servidores Públicos.

64. Precisamos reestatizar as empresas privatizadas, como a Vale, e garantir uma Petrobrás 100% estatal, sob controle dos trabalhadores, para que funcionem segundo os interesses da classe e da população, e não de alguns poucos megainvestidores.

65. É urgente lutarmos contra o machismo, o racismo, a LGBTIfobia e a xenofobia, que se acirraram sob Bolsonaro, combatendo todas as formas de discriminação e violência, impedindo, também, que haja ainda mais retrocessos nesta área.

ASSINATURAS:

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO GOMES - TRF3 / APOSENTADA

ANNA KARENINA - DIRETORA DO SINTRAJUD / JF PRESIDENTE PRUDENTE

ANGELICA OLIVIERI - DIRETORA DO SINTRAJUD / JF CAPITAL - APOSENTADA

CIRO MANZANO DE OLIVEIRA - TRE

CLÉBER AGUIAR - DIRETOR DO SINTRAJUD / TRF

CLEIDE VENTURA - TRF / APOSENTADA

ELISEU TRINDADE - TRF - APOSENTADO

INÊS LEAL DE CASTRO - TRT / FÓRUM RUY BARBOSA

ISMAEL SOUZA - DIRETOR DO SINTRAJUD / TRT / FÓRUM RUY BARBOSA

JOÃO CARLOS CARVALHO - DIRETOR DO SINTRAJUD / JF / MARÍLIA

JOSÉ CARLOS SANCHES - JF / FRANCA

MARCOS DOS SANTOS PEREIRA - TRE

MIRIAM BASTOS - JF CAPITAL

MAURÍCIO REZZANI - TRE / APOSENTADO

RAQUEL MOREL - DIRETORA DO SINTRAJUD / TRE CAPITAL

RONALD FUMAGALI - TRT / FÓRUM RUY BARBOSA

WANDERLEI PEDRO DE OLIVEIRA – TRT / APOSENTADO